

FUNDAMENTOS DA ESTÉTICA PARA ABORDAGEM SOBRE OBJETOS DA COMUNICAÇÃO¹

Prof. Dr. Belarmino Cesar Guimarães da Costa
Unimep - Universidade Metodista de Piracicaba
Diretor da Faculdade de Comunicação

Resumo: Com ênfase na condição natural e histórica da sensorialidade humana, o artigo aborda a formação num ambiente mediado por tecnologias convergentes, compactas e que promovem virtualização, sendo que estas abstraem as tensões do processo civilizatório e respondem por rupturas na forma de organizar a inteligência e o conhecimento. No mundo globalizado e com produção cultural sistêmica, o artefato simbólico resultante deve ser apreendido na tensão forma e conteúdo. Para tanto, os estudos centrados na dimensão estética contribuem para desvelar, além da aparência, os fenômenos da comunicação que não se esgotam na imediatez do conteúdo narrado.

Palavras-Chave: Tecnologia, Estética, Formação, Teoria da Comunicação, Teoria Crítica.

1. Ambiente Tecnológico e Formação

As transformações tecnológicas que perpassam estruturas de produção de artefatos simbólicos que se caracterizam pela convergência, compactação e volatilidade de meios e mensagens têm suscitado reflexões sobre as demarcações sobre a formação do homem quando determinados períodos históricos promovem rupturas nas formas de comunicação, convivência e de sensorialidade. Mudanças no aparato tecnológico vêm historicamente

¹ Este artigo sistematiza reflexões que o autor têm formulado junto ao Grupo de Pesquisa “Teoria Crítica e Educação”, financiado pelo CNPq, e que funciona na UNIMEP, UFSCar e UNESP/Araraquara, sob a coordenação geral do prof. dr. Bruno Pucci.

acompanhadas de mudanças geopolíticas, na capacidade de armazenagem de informações e na mutabilidade da experiência e do conhecimento².

Neste contexto da cibercultura e da mediação tecnológica no mundo de transnacionalização da imagem e da espetacularização da realidade, torna-se predominante a busca de uma compreensão sobre os destinos do processo civilizatório e da estruturação do campo sensorial e cognitivo, tendo como eixo as sucessivas rupturas provocadas pela tipografia, pelos suportes eletrônicos e mídias digitais. A “aldeamento do mundo”, a velocidade das máquinas que aceleram a produção e as mentes, a emergência de tecnologias de educação e destruição, no período da Modernidade, vão se configurando num ambiente que requer compreender os processos de comunicação como estruturas que deixam de ser meramente instrumentais, funcionais.

Tem sido recorrente, apesar da dificuldade de nomear esta etapa histórica³, identificar a nuclearidade dos meios tecnológicos como capazes de abstrair as múltiplas determinações da produção material e espiritual das sociedades. Lévy lida com a insurgência das tecnologias da informática e da mídia eletrônica como indicativo para se pensar numa mutação de abrangência antropológica, que seria responsável pelas alterações profundas não só das condições materiais e do campo simbólico, mas igualmente da “história da inteligência humana”. Em suas palavras: “vivemos hoje uma destas épocas limítrofes na qual toda a antiga ordem das representações e dos saberes oscila para dar lugar a imaginários, modos de conhecimento e estilos de regulação social ainda pouco estabilizados” (Lévy, 1994, p. 17).

Estas suposições já se encontram inventariadas em “A Galáxia de Gutenberg” e “Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem”, quando McLuhan, nos anos sessenta do século XX, promove uma ruptura na forma tradicional de analisar os efeitos dos *mass media* na sociedade industrial, com destaque para a diluição das hipóteses centradas no

² As transformações ocorrem na estrutura dos suportes (miniaturização dos equipamentos, maior mobilidade e convergência etc.) e nas condições de apropriação coletiva e individual, no ambiente de trabalho, no lazer e no acesso à informação. Modificam-se também linguagens, formas de representação do real, com o advento de técnicas de simulação e de aceleração de imagens, hibridização de som, movimento, textura.

³ Com a mutabilidade dos aparatos tecnológicos e da transitoriedade dos artefatos, o período contemporâneo é nomeado pela fugacidade de termos que dão conta da transformação dos processos de trabalho, de ensino e de comunicação: sociedade informática; da informação e da comunicação; da pós-modernidade; do capitalismo tardio etc. Na linguagem corrente evidencia-se o uso de conceitos que recorrem ao modo de produção dominante e ao sistema industrial, a exemplo de: capital cultural ou humano; produção científica, simbólica etc.

conteúdo das mensagens. Em contraposição, enfatiza a observação sobre a estrutura e funcionamento dos suportes midiáticos. O ambiente tecnológico, na sua perspectiva, seria responsável pela estruturação do modo como a percepção e a inteligência humana ocorrem, sendo que uma “segunda natureza” vai sendo lapidada nas condições de trabalho e sua relação com as tecnologias e processos de comunicação.

Portanto, a dimensão ontológica e filogenética, que encontra-se subjacente ao processo de produção da cultura e dos bens materiais, precisa ser potencializada para a abordagem sobre o impacto que as tecnologias de inteligência, num mundo onde tudo se acelera, se presentifica e torna-se visível, acarreta na estruturação do conhecimento, do gosto, do tipo de homem e de sociedade. Benjamin, no ensaio “A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica”, enfatiza as decorrências do ambiente tecnológico na duplicidade natural e histórica da formação sensorial e, extensivamente, da capacidade de pensar, imaginar, ter memória. O aparecimento da fotografia não permitiu apenas registrar fatos com verossimilhança; e sim promoveu também alterações no aparelho sensorial e psíquico. Hoje as imagens de síntese produzidas sem o referente imediato do real, no ambiente interno da linguagem da informática, constroem formas de representação que substancialmente alteram a noção de real, de proximidade, de convivência.

O sistema de produção, com suas condições de hierarquização de qualidades e segmentação de público, impinge forma para o artefato, sendo que neste se localizam as condições mais gerais das tecnologias e do trabalho humano utilizados, suas linguagens e funcionalidades. Os meios, por sua vez, foram idealizados a partir de necessidades que se configuraram nas tensões entre os agrupamentos humanos, culturas e civilizações, com as demarcações de poder, exclusão e sobrevivência. Sua aplicação, extensivamente, deve ser compreendida no ambiente societário atual, um mundo em que a indústria cultural age de forma sistêmica e globalizada, sendo que as tecnologias digitais e eletrônicas afetam simultaneamente diferentes sentidos e atuam numa escala que lida com a duração e aceleração do processo de apropriação simbólica.

“Desporjar o objeto de seu véu”, para utilizar uma expressão benjaminiana significa ir além da contingência fenomênica que adquirem os artefatos e as mensagens que circulam em suas estruturas de racionalização e com os seus apelos estéticos. A perspectiva de transcender à imediata aparição do objeto, que motiva as análises da Teoria Crítica,

especialmente de Adorno e Benjamin, faz com que os processos de construção da fotografia, de uma narrativa jornalística, dos efeitos que acarretam, por exemplo, o empobrecimento estético na música, não sejam esgotados na análise de conteúdo ou de recepção.

2. Tecnologia e Dimensão Estética

Mesmo reconhecendo que as tecnologias são produzidas pelos homens, mas não igualmente por todos, até o momento, temos enfatizado que elas acarretam transformações nos esquemas sensoriais e de inteligência, um pouco para demarcar suposta autonomização dos aparatos e seus aplicativos⁴. A perspectiva de naturalização da tecnologia, que minimiza a dimensão histórica e humanista do uso dos aparatos, formula argumento contrário, pois supostamente podemos ter domínio sobre o uso instrumental das tecnologias, fazer opções dentre as programações ofertadas e nos deslocar, mesmo que imaginariamente, para lugares onde seja possível novas formas de sociabilidade e tribalização.

De qualquer maneira, mesmo diante da possibilidade de forjar subjetividades arreadas ao caráter dominante da comunicação mediada, ou de encontrar meios alternativos de sobrevivência ilhada em relação a um mundo que se conecta em rede, a informatização da sociedade, e toda sua consequência na organização do trabalho, da cultura e do poder político, transformou-se num componente que responde pela via do que passou a ser denominado como modernidade e afeta a todos, mesmo aqueles que se encontram excluídos ou que fazem opção de distanciamento da indústria cultural.

É emblemática a seguinte descrição de Arbex Jr. sobre o homem moderno:

“O homem moderno – Ulisses contemporâneo, se quisermos empregar a metáfora de James Joyce - vaga pelas ruas da metrópole, herói anônimo que absorve e é absorvido pelas malhas e vias urbanas. Premido pelas circunstâncias da vida na cidade, bombardeado pela mídia cada vez mais poderosa e abrangente e entregue à sua própria solidão em meio à

⁴ Na metáfora da máquina que expele o maquinista e encontra-se à deriva, já que ninguém pode freá-la, Horkheimer (1976) acentua a impotência humana frente à aplicação destrutiva dos inventos tecnológicos, tendo diante de si a experiência nefasta do nazifascismo, do autoritarismo stalinista e do caráter autoritário da produção industrial da cultura.

multidão, restringirá ao máximo a eclosão do acaso, na vã tentativa de preservar o controle sobre suas próprias ações e emoções, até com estratégia de sobrevivência” (Arbex Jr.: 2001, p. 63).

Em outras palavras, o sistema industrial e as tecnologias que permitem formas de deslocamento e integração à lógica sistêmica do capital, permeiam as transformações do espaço urbano e, de maneira sintomática, vai se materializando na forma de organização da sociedade, bem como na condição de comunicação entre os homens, em suas linguagens e nas tendências de comportamento, juízo estético e opiniões que proferem. Para proceder uma abordagem sobre os fenômenos da comunicação mediada pela tecnologia, neste contexto de prevalência da indústria cultural e dos suportes digitais e eletrônicos, cabe identificar elementos que transcendem à mera operacionalidade dos meios e mensagens que circulam no ambiente de redes descentradas e conectadas globalmente.

A partir daqui, iremos lidar com aspectos estruturais da sociedade contemporânea e que incidem na forma de organização do sistema de comunicação e que aguçam a imaginação sobre os desdobramentos da sua aplicação nesta etapa do capitalismo tardio e, aparentemente, derrocada dos projetos originados no período Iluminista. Estes, como uma etapa de controle do homem sobre as forças da natureza, eram articulados na perspectiva de emancipação que historicamente se confirmaria com o desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Em contrapartida, a irracionalidade da exclusão tecnológica, a geopolítica que conduziu guerras expansionistas no século XX, a miserabilidade de populações na Ásia, na África e na América Latina e a emergência de uma superpotência que intervém militarmente e para afirmar um modelo de mercado livre, no seu conjunto, indicam a fragilidade e os limites do “progresso”.

Primeiramente, como Adorno e Horkheimer (1985, pp 60-61) enfatizam na “Dialética do Esclarecimento”, na sociedade de classes, o controle que o homem passou a exercer sobre o mundo natural recaiu também na forma de “negação da natureza do homem”. Então, a racionalidade do processo civilizatório “incluía o sacrifício do eu”, o que gerou novas formas de “irracionalidade mítica”.

Cabe o destaque para a seguinte afirmação:

“Com a negação da natureza do homem, não apenas o *telos* da dominação externa da natureza, mas também o *telos* da própria vida se torna confuso e opaco. No instante em que o homem elide a consciência de si mesmo como natureza, todos os fins para os quais ele se mantém vivo – o progresso social, o aumento de suas forças materiais e espirituais, até mesmo sua própria consciência – tornam-se nulos, e a entronização do meio como fim, que assume o capitalismo tardio o caráter de um manifesto desvario, já é perceptível na proto-história da subjetividade” (Adorno & Horkheimer, 1985, pp. 60-61).

Esta passagem remete a articulação do sistema de comunicação, incluindo as etapas sucessivas e complexificadas da tipografia, mídia eletrônica e digital, como decorrente de uma estrutura de funcionamento que não pode desconsiderar o modelo técnico-científico que foi capaz de produzir irracionalidades em nome do progresso e emancipação humana. De fato, na sociedade industrial, a comunicação mediada pela tecnologia produziu o efeito de aldeamento do mundo, sendo possível a quantificação de informações em banco de dados e acesso imediato a fatos narrados em tempo real. A transnacionalização dos artefatos jornalísticos, de entretenimento e potencializados pela publicidade, enfim, causou a sensação de que a abrangência, a permanência e a massificação de mensagens resultam automaticamente em sociedades democráticas e autônomas.

Contudo, o alerta de Adorno e Horkheimer se centra no caráter instrumental dos meios e na questão do enfraquecimento da subjetividade, na medida em que o aporte tecnológico, incluindo os meios que resultam na produção industrial da cultura, foi sendo apropriado por uma racionalidade que conserva princípios gerais do capitalismo, dentre eles, a concentração dos meios de produção, o esquematismo que padroniza os bens, a hierarquia que define qualidades e a falsa particularidade, como se o indivíduo consumisse produtos que atendem suas necessidades.

A fruição estética de uma mercadoria cultural e a relação sensória que se obtém com o uso de dispositivos da informática e com o manuseio das tecnologias digitais, híbridas, compactadas, que permitem deslocamentos e acesso imediato de bens simbólicos, a rigor, transcendem o efeito da relação que se estabelece com o meio e suas mensagens. Diante do processo civilizatório que se firma no recalçamento das pulsões, para utilizar expressão

freudiana, a reprodução técnica dos artefatos e a configuração de um modelo industrial de comunicação, como derivante da aplicação da ciência e da tecnologia pelo sistema capitalista, não poderiam ser objetivadas senão como expressão de atos repressivos e de adaptação aos modos de operar e de existir dominantes.

A possibilidade de resistência se dá na percepção dos mecanismos internos à indústria cultural e ao gerenciamento, estrutura e linguagens dos suportes tecnológicos desta etapa mais complexa, que permitem, e por isto fascinam, formas de simulação do real, a virtualização de pessoas e objetos, a simbiose com máquinas de inteligência, que até pouco tempo eram inimagináveis. A educação do processo de percepção implica em identificar como ocorre a apropriação destes suportes pela lógica sistêmica do capitalismo, e com isto, acusar dois aspectos que falseiam a autonomia, quais sejam: a ilusão de que o usuário sempre toma decisões e o fato de que as tecnologias, mesmo que utilizadas coletivamente, apresentam uma motivação ao isolamento.

No ensaio “Teoria Crítica e Novas Tecnologias da Educação”, Crochík (2003, p. 107) alude a “ilusão de que nós comandamos a máquina, ou de que interagimos com ela, ou por meio dela”. A condição de apropriação de um meio técnico não encontra-se desprovida das causas que geraram sua necessidade histórica e sua incorporação por um determinado modelo de sociedade que pode privilegiar a comunicação impessoal, distante e que esteja articulada com a sensação de espetáculo⁵. De fato, é possível fazer escolhas em relação àquilo que já está constituído em termos de linguagem, operacionalidade e que apresenta uso prático. Isto se dá em todo processo de comunicação, já que a mediação dos aparatos vai se perfazendo por múltiplas determinações, cujo conhecimento torna o sujeito mais autônomo em saber que, quando produz ou recebe mensagem, há uma complexidade de significações que escapam à aparência imediata do enunciado e dos mecanismos utilizados.

Sobre esta questão, é sintomática a crítica de Debord (1997, p. 191):

“A supressão da personalidade acompanha fatalmente as condições da existência submetida às normas espetaculares – cada vez mais afastada da

⁵ A propósito, Guy Debord enfatiza a fetichização que adquire a imagem e sua espetacularização na sociedade moderna. Destaca que: “O espetáculo, como organização social da paralisia da história e da memória, do abandono da história que se erige sobre a base do tempo histórico, *é falsa consciência do tempo*” – em itálico no original. Cf.: Debord, 1997, p. 108.

possibilidade de conhecer experiências autênticas e, por isso, de descobrir preferências individuais”.

Quanto ao fato de que a tecnologia provoca isolamento dos usuários, uma perspectiva apontada como correlata do que o capitalismo promove na relação entre os homens, e destes com a natureza, tem o seguinte propósito: destacar que as modernas tecnologias incorporam a racionalidade da indústria (Cf. Crochík, 2003, 99), sua calculabilidade e automação. Esta observação aponta para o fato de que a concentração imediata do capital, numa sociedade de classes, não pode prescindir de análises estruturais sobre o efeito global da produção.

Vivemos num momento em que se verifica, por exemplo, as incertezas do futuro humano frente ao caráter utilitário e exploratório dos recursos naturais, bem como no crescimento desordenado das cidades e nas patentes de remédios interditados para uso em regiões pobres do planeta. Eis a advertência de Garcia dos Santos (2003, p. 11): cabe “politizar completamente o debate sobre a tecnologia e suas relações com a ciência e com o capital, em vez de deixar que ela continue sendo tratada no âmbito das políticas tecnológicas dos Estados ou das estratégias das empresas transnacionais, como quer o *establishment*”.

O isolamento que caracteriza as decisões econômicas e que define critérios de modernização das sociedades, no limite de incidir na diplomacia e na política que sustentam intervenções militares, a rigor, transmuta-se para o sistema de comunicação e nas variantes tecnológicas, cuja origem, a exemplo do computador, “surge pelas necessidades da indústria e da pesquisa científica, e, nessas esferas, pode representar bem as contradições”, diz Crochík (2003, p. 99). Lidar, portanto, com o argumento de que as tecnologias abstraem formas de isolamento significa indicar que, ao usá-las, temos contato com a racionalidade do sistema de produção e, extensivamente, com o formalismo lógico e com aquilo que é classificado pelas regras do consumo e do socialmente desejável.

Convém a seguinte lembrança:

“Na redução do pensamento a uma aparelhagem matemática está implícita a ratificação do mundo como sua própria medida. O que aparece como triunfo da racionalidade objetiva, a submissão de todo ente ao formalismo

lógico, tem por prego a subordinação obediente da razão ao imediatamente dado. Compreender o dado enquanto tal, descobrir nos dados não apenas suas relações espaço-temporais abstratas, com as quais se possa então agarrá-las, mas ao contrário pensá-las como a superfície, como aspectos mediatizados do conceito, que só se realizam no desdobramento de seu sentido social, histórico, humano – toda a pretensão do conhecimento é abandonada” – Adorno & Horkheimer, 1985, pp. 38-39.

A idéia de isolamento que as tecnologias da informática produzem, apesar de ser um dado contraditório em relação ao que se constata na prática, ou seja, com a existência real da possibilidade de interação de pessoas com comunidades virtuais, diante da capacidade de que o processo de comunicação ocorra de forma descentrada e desarticulada das grandes redes, ou até mesmo com a inserção das tecnologias no ambiente formativo da escola, tem a seguinte conotação: sua apropriação modifica, em escala continuada, o senso estético, ético e de valores que permeiam as relações nas sociedades. A dimensão estética dos objetos da comunicação comumente é ignorada em função da evidência que é dada para o conteúdo da informação e seu fluxo contínuo, cujo contexto é o da transitoriedade dos artefatos e seu consumo em grande escala.

Diante disto, torna-se possível que se estabeleçam relações de solidariedade com personagens reais ou imaginárias em situação de conflito como mecanismo de compensação para a frieza e o silêncio de consciências socialmente tranqüilas. A espetacularização da realidade, uma estratégia que os *mass media* utilizam para se destacar no ambiente de extrema concorrência, e que deslocam a responsabilidade para a audiência, já que é esta que escolhe a programação, tem sido o critério estético da pauperização e do descompromisso com a qualidade. A vantagem do processo tecnológico está comumente associada à aceleração e ao caráter utilitário da informação.

Os padrões cognitivos e a sensibilidade se forjam, portanto, neste ambiente de objetos que circulam com velocidade, de forma impessoal e para gerar efeitos imediatos. Nas tecnologias, em sua funcionalidade e nos artefatos que resultam da complexidade do pensamento objetivado, e que atualmente são administrados pelo mercado e na perspectiva da expansão do capitalismo, é possível constatar como ficam comprometidos os valores e necessidades humanas. A corrosão do referencial do humanismo, na perspectiva de Garcia

dos Santos (2003, p. 86), dá-se quando tudo na esfera da biotecnologia, da informática e da nanotecnologia recai no plano da informação. “O homem não é mais a medida de todas as coisas, porque ao privilegiarmos o plano da informação, ao tomá-la como referência última, passamos a valorizar o molecular, o infra-individual, comprometendo a noção de indivíduo e questionando a de organismo”, acrescenta.

3. Formação e Ambiente Mediatizado

Temos enfatizado que os objetos da comunicação e as tecnologias que produzem efeitos de virtualidade, hibridização de componentes e linguagens e que configuram de forma convergente e sistêmica, apelam no campo sensório e, conseqüentemente, na esfera da imaginação, da memória e na capacidade de o homem formular juízo. Na perspectiva da educação para uma compreensão crítica sobre o papel que a mediação tecnológica exerce, tanto no processo de recepção quanto de constituição de referências miméticas para o comportamento e definição de valores, um aspecto que remete a Marx é identificar na estrutura e funcionamento dos suportes a prevalência do fetiche da mercadoria. Ou seja, desvelar os mecanismos que ocultam as relações produtivas e fazem com que os objetos se apresentem como fenômenos naturalizados e sem causalidade histórica.

Em “Videologias”, Bucci e Kehl (2004) compilam ensaios que contribuem para a percepção de como a mediação da imagem, construída para provocar efeitos imediatos e com apelos espetaculares, transfigura-se em formas míticas de representação do real. Trata-se de observar como se subvertem, como cânone das produções jornalísticas e romancescas, a confusão que vem sendo estabelecida entre espaço público e privado; daquilo que pertence à esfera da realidade experienciada e da representação ficcional. As significações se apresentam, ante a fungibilidade da imagem e sua construção sob o critério do espetáculo, destituídas de história e demarcação de continuidade.

A dimensão estética constitutiva dos objetos da comunicação e associadas à estrutura e funcionamento dos meios, em síntese, precisa ser decifrada numa perspectiva que incorpore a tensão entre forma e conteúdo, para que se perceba os mecanismos nem sempre conscientes da incidência do capital na organização material e espiritual da sociedade. No livro “A Estética da Violência, Jornalismo e Produção de Sentidos”, fizemos uma incursão a respeito da racionalidade técnica presente na organização da sociedade

industrial e a subsunção a esta lógica da estrutura narrativa da notícia, tendo como mote a estetização da realidade no âmbito da indústria cultural (Cf.: Costa, 2002).

Além deste aspecto, o da visibilidade e da aparência fenomênica dos objetos da comunicação, outro se junta para recolocar a questão de que as tecnologias promovem uma ruptura de ordem ontológica e formativa, qual seja: as alterações nas apreensões de espacialidade e de temporalidade. Isto remete às observações feitas por Benjamin (1994: p. 105) a respeito da categoria “duração”, quando margeia a obra de Proust, “Em Busca do Tempo Perdido”, para discorrer sobre a aceleração que empreende a sociedade industrial e a forma como altera a experiência e compromete a vida contemplativa. Uma questão cara Benjamin se refere às condições dos fatos exteriores se incorporarem à experiência. Ele se baseia na informação jornalística para dizer que houve uma redução:

“Se fosse intenção da imprensa fazer com que o leitor incorporasse à própria experiência as informações que lhe fornece, não alcançaria seu objetivo. Seu propósito, no entanto é oposto, e ela o atinge. Consiste em isolar os acontecimentos no âmbito onde pudessem afetar a experiência do leitor. Os princípios da informação jornalística (novidade, concisão, inteligibilidade e, sobretudo, falta de conexão entre uma notícia e outra) contribuem para esse resultado, do mesmo modo que a paginação e o estilo lingüístico” – Benjamin, 1994, pp. 106-107.

As tecnologias de comunicação e seus artefatos foram adquirindo contornos mais nítidos sobre a questão da obsolescência e da transitoriedade, sendo que, numa sociedade global e que se articula em redes midiáticas, a dimensão da experiência se forja em meio a contingência de fatos que não necessitam ação da audiência. A visibilidade é o que move a intenção dos produtores para que, diante de tanta oferta de artefatos e mensagens, aquilo que é capaz de provocar choque, diferenciação, adquira um lugar de destaque. A memória daquilo que não é experienciado, na mesma proporção, se desvanecesse rapidamente. Vivendo neste limiar do choque e da sensação, é que a sensibilidade se constitui como algo dissociado da experiência do sujeito.

No texto destacado de Benjamin, também há referência à concisão de linguagem e o apelo que as estruturas narrativas buscam em relação ao fetiche da novidade. Em cada etapa

do desenvolvimento das tecnologias da comunicação, e sua incorporação pela racionalidade instrumental e capitaneada pelas forças do mercado, registra-se esta dependência da estrutura e funcionalidade dos meios. A clássica pirâmide invertida, como base para a narrativa jornalística, foi sendo constituída pelo tempo industrial da produção. A hierarquização dos fatos e a delimitação do espaço editorial, desde o início da imprensa, conformaram-se ao ritmo das máquinas. No início do século XX, o uso do telégrafo para a transmissão de notícias a distância, e hoje com o apuro imediato das tecnologias digitais, fez com que a narrativa fosse mais concisa, o que conduz à possibilidade de certo abandono da investigação e da literatura. Na internet, a ambientação do texto jornalístico acirra ainda mais a narrativa contingente dos fatos.

Concentram-se, portanto, nos objetos de comunicação a dimensão estética empreendida pela estrutura e funcionalidade dos suportes tecnológicos, sendo que, ao consumir seus produtos e com a interação com suas linguagens e efeitos, as comunidades humanas abstraem as condições mais gerais do sistema de produção. A aceleração industrial, as rupturas de tempo e de espacialidade, o contingenciamento interposto pela virtualidade e novas formas de experiências, dentre outros aspectos pontuados, incidem no processo de fruição, na sensorialidade. Ser formado neste ambiente, onde o espetáculo e fungibilidade dos fatos se pactuam, o estudo da estética nos ajuda a refletir sobre a não-naturalização das tecnologias e o fato de que os sentidos humanos são forjados historicamente.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max, *Dialética do Esclarecimento – Fragmentos Filosóficos*. Trad. de Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1985.
- ARBEX JÚNIOR, José, *Showrnalismo – A Notícia como Espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2001.
- BENJAMIN, Walter, *A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica*. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. In: COSTA LIMA, Luiz (Org.), *Teoria da Cultura de Massa*, 4ª. edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- BENJAMIN, Walter, *Sobre Alguns Temas em Baudelaire. Obras Escolhidas*, 3ª. ed. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BUCCI, Eugênio, KEHL, Maria Rita, *Videologias*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- COSTA, Belarmino Cesar G. da, *Estética da Violência, Jornalismo e Produção de Sentidos*. Campinas / Piracicaba: Autores Associados / Editora da Unimep, 2002.

CROCHÍK, José Leon, *Teoria Crítica e Novas Tecnologias da Educação*. In: PUCCI, Bruno, LASTÓRIA, Luiz Antônio Nabuco, COSTA, Belarmino Cesar G. da, *Tecnologia, Cultura e Formação... Ainda Auschwitz*, São Paulo: Editora Cortez, 2003.

DEBORD, Guy, *A Sociedade do Espetáculo*. Trad. de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

HORKHEIMER, Max, *Eclipse da Razão*, Trad. de Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976.

GARCIA DOS SANTOS, Laymert, *Politizar as Novas Tecnologias – O Impacto Sócio-Técnico da Informação Digital e Genética*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2003.

LÉVY, Pierre, *As Tecnologias da Inteligência – O Futuro do Pensamento na Era da Informática*, Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

_____. Pierre, *Cibercultura*, Trad. de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34,

McLUHAN, Marshall, *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*, Trad. de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1969.

McLUHAN, Marshall, *A Galáxia de Gutenberg - A Formação do Homem Tipográfico*, Trad. Leônidas G. Carvalho. São Paulo: Editora Nacional, 1972.